

Heteronímia e Dramatização Filosófica em Fernando Pessoa

Heteronymy and Philosophical Dramatization in Fernando Pessoa

Nuno Ribeiro

Universidade Nova de Lisboa - Instituto de Estudos de Literatura e Tradição

Resumo: O presente artigo visa explorar as relações entre heteronímia e a constituição de um drama filosófico na obra de Fernando Pessoa, tendo por base os escritos filosóficos do espólio pessoano. Nesse sentido, o artigo encontra-se dividido em duas partes: uma primeira parte, onde analisamos a relação entre o processo de dramatização e a constituição de um pluralismo filosófico no período pré-heteronímico; uma segunda parte, em que explicitamos as relações entre o conceito de “drama em gente” e a construção de uma filosofia pluralista no período heteronímico.

Palavras-Chave: Fernando Pessoa; Heteronímia; Dramatização filosófica

Abstract: This article aims to explore the relation between heteronymy and the constitution of a philosophical drama in the work of Fernando Pessoa, based on the philosophical writings of Pessoa’s Archive. Thus, the article is divided into two parts: a first part where we analyze the relation between the dramatization process and the constitution of a philosophical pluralism in the pre-heteronymic period; a second part in which we explain the relations between the concept of “drama in people” and the construction of a pluralist philosophy in the heteronymic period.

Keywords: Fernando Pessoa; Heteronymy; Philosophical dramatization

Dramatização e pluralismo filosófico no período pré-heteronímico

Na obra de Fernando Pessoa, encontramos múltiplos elementos, que nos possibilitam estabelecer a conexão entre a criação de personalidades literárias e a construção de um drama filosófico, o que se constata, desde logo, no período pré-heteronímico, onde existe a atribuição de uma multiplicidade de textos filosóficos a diferentes eus pessoanos, com é o caso de Charles Robert Anon, Horace James Faber, Alexander Search, A. Moreira, Faustino Antunes e Frederick Waytt. Os pré-heterónimos correspondem a personalidades fabricadas pelo poeta e pensador português no período anterior à criação dos heterónimos. De acordo com o documento que ficou conhecido como “Carta sobre a génese dos heterónimos”, enviada por Fernando Pessoa a Adolfo

Casais Monteiro com a data de 13 de Janeiro de 1935, a criação dos três heterónimos pessoanos (Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis) teria ocorrido no mítico “dia triunfal” (Pessoa, 2012, p. 278) de 8 de Março de 1914. A primeira aparição pública de um heterónimo ocorre no primeiro número da revista literária *Orpheu*, em 1915, com a publicação do “Opiário” e da “Ode Triunfal”, de Álvaro de Campos. No entanto, existe todo um trabalho de criação de personalidades pré-heteronímicas que antecede o surgimento dos heterónimos, no âmbito do qual se verifica o desenvolvimento de uma multiplicidade de projetos filosóficos que se encontram no espólio de Fernando Pessoa.¹ A respeito da criação de personalidades anteriores ao surgimento dos heterónimos, lemos a seguinte afirmação pessoana na carta de 13 de Janeiro de 1935:

Desde criança tive a tendência para criar em meu torno um mundo fictício, de me cercar de amigos e conhecidos que nunca existiram. (Não sei, bem entendido, se realmente não existiram, ou se sou eu que não existo. Nestas coisas, como em todas, não devemos ser dogmáticos). Desde que me conheço como sendo aquilo a que chamo eu, me lembro de precisar mentalmente, em figura, movimentos, carácter e história, várias figuras irreais que eram para mim tão visíveis e minhas como as coisas daquilo a que chamamos, porventura abusivamente, a vida real. Esta tendência, que me vem desde que me lembro de ser um eu, tem-me acompanhado sempre, mudando um pouco o tipo de música com que me encanta, mas não alterando nunca a sua maneira de encantar. (...)

Esta tendência para criar em torno de mim um outro mundo, igual a este, mas com outra gente, nunca me saiu da imaginação. Teve várias fases, entre as quais esta, sucedida já em maioridade. (Pessoa, 2012, pp. 276-277)

No que respeita ao desenvolvimento da filosofia no período pré-heteronímico, a atribuição dos múltiplos textos filosóficos a uma pluralidade de pré-heterónimos deve ser compreendida no quadro da construção de uma filosofia plural dramática, onde múltiplos intervenientes assumem diferentes pontos de vista alternativos no palco filosófico pessoano. A relação entre dramatização e a construção de uma filosofia plural é apontada por Eduardo Lourenço em seu texto intitulado “Poesia e Filosofia em Pessoa”, onde o ensaísta evoca a questão da multiplicidade de pontos de vista na obra do autor português, com ênfase na pluralidade de visões filosóficas subjacentes aos diversos eus pessoanos:

Num dos seus textos mais swiftianos, aquele que devia servir de introdução às *Obras Completas*, Pessoa escreve: «A obra complexa, cujo primeiro volume é este, é de substância dramática, embora de forma vária – aqui de trechos em prosa, em outros livros de poemas ou de filosofias.» Repare-se, em primeiro lugar, que Pessoa separa o domínio da prosa do da poesia, o que parece natural, mas que ao mesmo tempo, aproxima os poemas das filosofias. Filosofias, no plural. (Lourenço, 2022, p. 203).

¹ Para uma consulta dos textos filosóficos de Fernando Pessoa atribuídos às suas múltiplas personalidades, remetemos para a edição de textos pessoanos intitulada *Envelopes Filosóficos: Filosofia & Heteronímia* (Pessoa, 2023), coordenada por Nuno Ribeiro, Cláudia Souza, Paulo Borges e Maria Celeste Natário.

Neste texto, o ensaísta português refere-se especificamente ao conteúdo filosófico subjacente à poesia do período heteronímico de Fernando Pessoa, após a criação de Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. No entanto, aquilo que Lourenço afirma a respeito da filosofia presente na poesia dos heterónimos de Pessoa aplica-se também aos textos filosóficos dos pré-heterónimos pessoanos. Com efeito, num escrito autobiográfico pessoano redigido na fase pré-heteronímica, lemos a seguinte afirmação, onde o autor português, a propósito do caráter inacabado dos seus escritos, nos apresenta dados importantes para se compreender a criação de uma filosofia plural no período pré-heteronímico:

Nenhum dos meus escritos foi concluído; sempre se interpuseram novos pensamentos, associações de ideias extraordinárias, impossíveis de excluir, com o infinito como limite. Não consigo evitar a aversão que tem o meu pensamento pelo acto de acabar seja o que for. Uma única coisa suscita dez mil pensamentos, e desses dez mil pensamentos surgem dez mil inter-associações, e não tenho força de vontade para os eliminar ou deter, nem para os reunir num só pensamento central, onde os seus detalhes sem importância, mas a eles associados, possam perder-se. Passam dentro de mim; não são pensamentos meus, mas pensamentos que passam dentro de mim.

[My writings were none of them finished; new thoughts intruded ever, extraordinary, inexcusable associations of ideas bearing infinity for term. I cannot prevent my thought's hatred of finishing; about a single thing ten thousand thoughts, and ten thousand inter-associations of those ten thousand thoughts arise, and I have no will to eliminate or to arrest these, nor to gather them into one central thought, where their unimportant but associated details might be lost. They pass in me; they are not my thoughts, but thoughts that pass in me.] (Pessoa, 2003, p. 100-101)

Este texto apresenta-nos aspectos fundamentais para a compreensão da produção filosófica da pré-heteronímia pessoana. No decurso do desenvolvimento dos seus escritos filosóficos, Pessoa não pretende reconduzir a multiplicidade de pensamentos a uma única ideia central que se encontre unificada num todo sistematizado. Relativamente a cada coisa é possível produzir uma multiplicidade de linhas de pensamento e de inter-relações entre essas linhas, que podem ser diversas ou até mesmo contraditórias entre si. Porém, ao invés de pretender unificá-las todas num sistema, Pessoa produz uma descentralização do pensamento. Essa descentralização corresponde a uma dramatização do pensamento filosófico, em que os múltiplos intervenientes contracenam entre si, propondo visões de mundo alternativas e muitas vezes contraditórias. Os textos filosóficos pré-heteronímicos de Fernando Pessoa constituem-se, por conseguinte, como um palco de experimentações do pensamento filosófico, encenado e contracenado pelos múltiplos pontos de vista atribuídos por Pessoa às suas diversas personalidades.

Um aspecto interessante relativamente à dimensão plural dos textos filosóficos criados no período pré-heteronímico diz respeito à circunstância de o autor português criar não só uma pluralidade de personalidades que assumem pontos de vista diversos e alternativos, mas também uma multiplicidade de pontos de vista acerca da própria pluralidade. Se é um fato que a atribuição de uma multiplicidade de projetos filosóficos a diferentes personalidades literárias pré-heteronímicas comprova a criação

uma filosofia da pluralidade no período pré-heteronímico, encontramos, para além disso, a explícita tematização do pluralismo filosófico nos textos atribuídos aos diversos pré-heterónimos de Fernando Pessoa. Deste modo, num texto, datável de 1906, com o título “Plausibilidade de Todas as Filosofias” [“Plausibility of All Philosophies”] – assinado conjuntamente pelos pré-heterónimos Horace James Faber e Charles Robert Anon – lemos a seguinte afirmação:

(...) eu e vós, podemos de *uma* coisa tirar conclusões diferentes e da mesma maneira também. Assim, todas as filosofias são boas e todas são plausíveis, como podemos constatar na nossa confusão moral. Todas as filosofias, teorias de sonhos através das nossas lentes, são possíveis.

[...] I and thou, we may from *one* thing draw different conclusions and in the same manner too. Thus all philosophies are good and all are plausible as we in our moral confusion can find. All philosophies, dream-theories through our lens, are possible.] (Pessoa, 2023, p. 59-60)

Neste texto, que corresponde a um ponto de vista sobre a questão da pluralidade no período pré-heteronímico, encontramos a explícita afirmação de que podemos extrair diferentes conclusões a partir de um mesmo assunto ou objeto e que, por conseguinte, todas as teorias, inclusive opostas, são possíveis. Para além disso, o fato de o texto ser assinado por duas personalidades literárias pessoanas – Horace James Faber e Charles Robert Anon – configura-se como um claro indício que possibilita estabelecer a conexão entre o pluralismo e a dramatização filosófica em Pessoa, uma vez que encontramos duas personalidades do universo pré-heteronímico a interagirem, para produzir um texto filosófico.

Outro dos intervenientes no palco filosófico pessoano que viria a assumir um ponto de vista adicional sobre a pluralidade corresponde ao pré-heterónimo Alexander Search, que nos deixa o seguinte trecho:

Milhares de teorias, grotescas, extraordinárias, profundas, sobre o mundo, sobre o homem, sobre todos os problemas que pertencem à metafísica, passaram pela minha mente. Tive em mim milhares de filosofias, das quais nem mesmo duas – se fossem reais – concordariam. Todas as ideias que eu tive, se fossem escritas, teriam sido um grande estorvo para a posteridade; mas pelo carácter muito peculiar de minha mente, assim que a teoria, a ideia me atingia e logo desaparecia, e, após eu ansiar senti-la, um momento depois não me lembrava de nada – de absolutamente nada do que poderia ter sido. Assim, a memória, tal como todas as minhas outras faculdades, predispõe-me a viver num sonho.

[Thousands of theories, grotesque, extraordinary, profound, on the world, on man, on all problems that pertain to metaphysics have passed through my mind. I have had in me thousands of philosophies not any two of which – as if they were real – agreed. All the ideas I had if written down had been a great cheque on posterity; but by the very peculiar character of my mind, no sooner did the theory, the idea struck me than it disappeared, and after I ached to feel that one moment after I remembered nothing – absolutely nothing of what it might have been. Thus memory, as all my other faculties predisposed me to live in a dream.] (Pessoa, 2023, p. 61)

Este texto assinado por Alexander Search evoca, mais uma vez, a questão da pluralidade sob a óptica do carácter irreal da multiplicidade das filosofias. De fato, o texto fala-nos de “Milhares de

teorias” [“Thousands of theories”] (Pessoa, 2023, p. 61) contraditórias entre si, sobre o mundo, o homem e a metafísica, aludindo a “milhares de filosofias das quais – como se fossem reais – nem mesmo duas concordariam” [“thousands of philosophies not any two of which – as if they were real – agreed”] (Pessoa, 2023, p. 61), bem como ao carácter transitório, evanescente e onírico dessas diversas teorias filosóficas. No texto de Alexander Search encontramos, então, um aprofundamento das questões tematizadas por Faber e Anon no escrito filosófico sobre a “Plausibilidade de todas as filosofias”, o qual aponta já para o carácter irreal das filosofias produzidas, ao referir-se à multiplicidade de “teorias de sonhos” [“dream-theories”] (Pessoa, 2023, p. 59-60) correspondentes à pluralidade de filosofias que podemos construir.

Num outro texto, intitulado “Ensaio sobre a Intuição” [“Essay on Intuition”], com a assinatura dos pré-heterónimos A. Moreira e Faustino Antunes, encontramos a tematização da pluralidade sob a óptica das condições subjectivas que permitem a produção da multiplicidade de formas de pensar. Tomando como exemplo a criatividade do poeta, encontramos no texto de Moreira e Antunes a seguinte afirmação:

A faculdade criadora do carácter (do poeta) é composta de imaginação e introspecção; um poeta é egoísta, constrói outros a partir de si mesmo. Falstaff é tão verdadeiramente Shakespeare quanto Pedrita, Iago, Otelo e Desdemona são Shakespeare.

As grandes mentes conhecem a humanidade através do conhecimento de si mesmas, enquanto mentes pequenas devem ter experiência para conhecer os homens.

[The creative faculty of character (of the poet) is composed of imagination and introspection; a poet is selfish, he builds others from himself. Falstaff is Shakespeare as truly as Perdita, Iago, Othello, Desdemona are Shakespeare.

Great minds know mankind through knowledge of themselves, whereas little minds must have experience to know men.] (Pessoa, 2023, p. 69-70)

Segundo este texto, a faculdade criadora do poeta – que é resultado de uma interação entre a imaginação e a introspecção – teria a capacidade de construir os outros a partir de si. “Construir os outros a partir de si” significa produzir os traços de carácter e a maneira de pensar subjacente a uma determinada personalidade. Assim, o poeta, por meio da sua faculdade criadora, tem a capacidade de produzir diferentes formas de pensar através do conhecimento de si, o que se constitui como condição de possibilidade da compreensão e fabricação de uma pluralidade de filosofias.

Encontramos também, nos fragmentos destinados à poesia de Frederick Wyatt – um interveniente no universo pré-heteronímico de Pessoa – a caracterização desta personalidade com elementos que apontam para a dimensão plural da filosofia. Lemos, a esse respeito, o seguinte fragmento:

Ele tinha uma mente curiosa, uma mente que parecia incompleta. Ele tinha qualidades para o uso completo das quais outras qualidades, que faltavam, eram necessárias. Assim, ele tinha uma compreensão metafísica do tipo mais elevado, mas nenhuma sombra do poder de raciocinar em teorias coerentes; ele estava perpetuamente a surpreender-me

com teorias morais da vida, espaço, tempo ou infinito — mas eu tinha que agarrá-las o melhor que podia, pois ele não tinha poder para fazer mais do que apresentá-las, postulá-las — ele era incapaz do menor raciocínio para sustentá-las.

[He had a curious mind, a mind that seemed incomplete. He had qualities for the complete use of which other qualities, which he lacked, were needed. Thus, he had a metaphysical comprehension of the highest kind, yet no shadow of the power to reason it into coherent theories; he would be perpetually astonishing me with moral theories of life, space, time or infinity — but I had to seize them as well as I could, for he had no power to do any more than set them forth, posit them — he was incapable of the slightest reasoning to uphold them.] (Pessoa, 2023, p. 71)

Neste trecho, Frederick Wyatt é apresentado como alguém que tem uma “compreensão metafísica do tipo mais elevado” [“metaphysical comprehension of the highest kind”] (Pessoa, 2023, p. 71) produzindo uma multiplicidade de teorias sobre moral, espaço, tempo e infinito, mas sem ser capaz de produzir um todo coerente a partir dessas teorias. Noutro trecho, Wyatt é ainda apresentado como um temperamento em constante oscilação de teorias, sendo possível “considerá-lo tanto um idealista (uso a palavra no seu sentido metafísico) quanto um materialista” [“consider him an idealist (I use the word in its metaphysical sense) as a materialist”] (Pessoa, 2023, p. 72-73). Toda esta caracterização de Frederick Wyatt aponta, mais uma vez, para a plausibilidade de múltiplas filosofias, mas, no caso desta personalidade, sob a óptica da “perpétua flutuação” [“perpetual fluctuation”] (Pessoa, 2023, pp. 72-73) e hesitação que caracterizam o ponto de vista especulativo face à pluralidade de sistemas filosóficos.

Todos os dados apresentados a respeito dos textos filosóficos atribuídos a pré-heterónimos pessoanos permitem-nos compreender não só o desenvolvimento de uma filosofia plural, mas também o de uma visão plural sobre a filosofia da pluralidade no palco do drama filosófico pré-heteronímico.

O “drama em gente” e a filosofia da pluralidade no período heteronímico

No período heteronímico, isto é, na fase literária pessoana que se segue à criação dos três heterónimos (Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos), a produção de textos filosóficos passa a ser compreendida no quadro daquilo que Fernando Pessoa denomina de “drama em gente”. Na “Tábua Bibliográfica” de Pessoa, publicada em 1928 no número 17 da revista *Presença*, lemos a respeito do conceito de “drama em gente”:

As obras heterónimas de Fernando Pessoa são feitas por, até agora, três nomes de gente – Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos. Estas individualidades devem ser consideradas como distintas da do autor delas. Formam cada uma uma espécie de drama; e todas elas juntas formam outro drama. [...] As obras destes três poetas formam, como se disse, um conjunto dramático; e está devidamente estudada a entreação intelectual das personalidades, assim como as suas próprias relações pessoais. Tudo isto constará de biografias a fazer, acompanhadas, quando se publicarem, de horóscopos e, talvez, de fotografias. É um drama em gente, em vez de em atos. (Pessoa, 2012, p. 227-228)

O “drama em gente” corresponde a um palco de encenação literária onde as múltiplas personalidades criadas por Pessoa dialogam entre si e inclusivamente com o seu criador, emergindo a partir dos seus textos, seja em prosa, seja em poesia. Num fragmento destinado ao prefácio de um projecto intitulado *Aspectos*, que englobaria a publicação das obras dos três heterónimos, em conjunto com textos de duas outras personalidades (António Mora e Vicente Guedes), lemos a seguinte indicação, a respeito da constituição do drama em gente:

Há autores que escrevem dramas e novelas; e nesses dramas e nessas novelas atribuem sentimentos e ideias às figuras que as povoam, que muitas vezes se indignam que sejam tomados por sentimentos seus, ou ideias suas. Aqui a substância é a mesma, embora a forma seja diversa. (Pessoa, 2012, p. 214)

De acordo com este trecho, a criação do “drama em gente” implica a manutenção da substância do drama com a alteração da forma da peça dramática. Num ensaio sobre o drama, presente no espólio de Fernando Pessoa, encontramos o seguinte indício, a respeito daquilo que constitui a substância do drama:

O Drama, como todo objectivo, compõe-se organicamente de três partes – das pessoas ou caracteres; da entreação dessas pessoas; e da ação ou fábula, por meio, e através da qual, essa entreação se realiza, essas pessoas se manifestam. (Pessoa, 1986, p. 106)

Aquilo que caracteriza a substância da peça dramática é a existência de personagens, o fato de haver uma interação entre as personagens e a construção de uma fábula, através da qual essa interação ocorre. Num “drama em atos” as personagens, a interação das personagens e a fábula através da qual as personagens se manifestam encontram-se reunidos no todo orgânico que constitui a forma da peça dramática. No “drama em gente” pessoano mantêm-se os três vetores da substância do drama, mas as personagens deixam de estar unificadas pelo todo orgânico que configura a forma da peça dramática. Assim, a alteração da forma da peça dramática implica que as diversas personagens do drama deixem de se encontrar unificadas no todo objetivo que constitui a forma do texto do drama, isto é, que as personagens deixem de ser elementos de uma peça dramática unificada e se tornem personalidades autônomas, com as suas próprias obras e com o seu próprio estilo literário. Porém, a autonomização das diversas personagens e a sua transformação em personalidades não significa que elas deixem de criar um enredo, através da interação umas com as outras, por meio de uma fábula. É justamente este elemento de enredo que vamos encontrar na produção de textos filosóficos, no decurso do período heteronímico.

No contexto no período heteronímico, encontramos uma série de textos filosóficos em torno das relações entre metafísica e arte, que revelam o palco de encenação filosófica no “drama em gente” dos heterónimos.² No que respeita a Álvaro de Campos, existe um texto precisamente intitulado “O que é a metafísica?” (Pessoa, 2023, p. 81-85), publicado em 1924 no número 2 da

² Para efeitos da consulta do debate em torno das questões sobre metafísica e arte no período heteronímico, remetemos para a edição de textos de Fernando Pessoa intitulada *Escritos sobre Metafísica e Arte* (Pessoa, 2017), bem como para o livro *Envelopes Filosóficos: Filosofia & Heteronímia* (Pessoa, 2023).

revista *Athena*, que se constitui como uma contrarresposta ao ensaio “Atena” (Pessoa, 2023, p. 75-79), publicado pelo ortônimo no primeiro número dessa revista. Antônio Mora, uma personalidade que Pessoa faz dialogar com as restantes personalidades heteronímicas, participa igualmente nessa discussão, como se pode verificar pelo conjunto de fragmentos destinados a um opúsculo, intitulado “Introdução ao Estudo da Metafísica” (Pessoa, 2023, p. 87-99). A discussão filosófica no período heteronímico em torno da metafísica e da arte, é sintetizada no seguinte fragmento de Ricardo Reis, que também participa no debate:

Ricardo Reis. (cf. Antônio Mora) – exemplo

[...]

Para Pessoa, a filosofia é uma arte, para Campos, é não uma arte, mas uma ciência virtual. Para mim, nada é, ou, quando muito, é um simulacro de ciência, feita sem dados: – a tentativa de construir uma ciência original sem dados alguns. (Pessoa, 2023, p. 141)

No contexto do debate filosófico no “drama em gente” heteronímico, encontramos um reatamento da tematização da questão da filosofia como pluralidade presente no período pré-heteronímico, mas com ênfase no alcance e nos limites da definição da filosofia como arte. Assim, no ensaio “Atena” assinado por Pessoa-ortônimo encontramos a seguinte classificação da filosofia entre as artes superiores abstratas:

As artes que por natureza ministram tal aperfeiçoamento são as artes superiores abstratas – a música e a literatura, e ainda a filosofia, que abusivamente se coloca entre as ciências, como se ela fora mais que o exercício do espírito em se figurar mundos impossíveis. (Pessoa, 2023, p. 78)

De acordo com este trecho, a filosofia considerada como arte deve ser entendida como “o exercício do espírito em se figurar mundos impossíveis” (Pessoa, 2023, p. 78), o que aponta, desde logo, para uma multiplicidade de formas de construir sistemas filosóficos alternativos. A multiplicidade de modos de figurar mundos impossíveis corresponde à pluralidade de filosofias que o espírito tem a capacidade de construir. É justamente esta faculdade de figurar uma multiplicidade de sistemas filosóficos através da atividade construtiva do espírito que leva o ortônimo a colocar a filosofia entre as artes.

O heterónimo Álvaro de Campos, no texto “O que é a metafísica?”, retoma a questão da filosofia como pluralidade, apresentando, no entanto, um posicionamento filosófico diferente do defendido pelo seu criador. Logo no início do texto, lemos sobre a demarcação entre o ponto de vista deste heterónimo e a perspectiva do seu criador:

Na opinião de Fernando Pessoa, expressa no ensaio *Atena*, a filosofia – isto é, a metafísica – não é uma ciência, mas uma arte. Não creio que assim seja. Parece-me que Fernando Pessoa confunde o que a arte é com o que a ciência não é. Ora, o que não é ciência, nem por isso é necessariamente arte: é simplesmente não-ciência. (Pessoa, 2023, p. 81)

De acordo com Álvaro de Campos, a metafísica não é essencialmente uma arte, mas antes uma ciência virtual. Aquilo que, segundo este heterónimo, distingue a arte e a metafísica é o fim que cabe a cada uma destas atividades. Para Campos, o fim da metafísica é, tal como na ciência, conhecer fatos, enquanto o da arte consiste em substituir fatos. No entanto, os fatos que a metafísica procura conhecer encontram-se “in- ou mal fundados” (Pessoa, 2023, p. 81) e, enquanto tal, ainda não são conhecidos, sendo essa a razão pela qual Álvaro de Campos classifica a metafísica como uma “ciência virtual”.

Porém, apesar de o ensaio “O que é a metafísica?”, de Campos, apresentar uma demarcação relativa às teses de Fernando Pessoa defendidas em “Atena”, encontramos, também por parte deste heterónimo, uma tentativa de aproximação entre metafísica e arte que conduz a uma visão da filosofia como pluralidade, embora com uma estratégia argumentativa diferente daquela que é utilizada por Fernando Pessoa. Aquilo que é proposto por Álvaro de Campos é que se substitua provisoriamente a metafísica pela arte, enquanto a metafísica não atingir o conhecimento científico de fatos bem fundados. Lemos, nesse sentido, a seguinte afirmação em “O que é a metafísica?”:

Ponhamos ainda mais a claro a discordância entre mim e Fernando Pessoa. Para ele, a metafísica é *essencialmente* arte, e a sociologia, de que não fala, é, naturalmente, ciência. Para mim são, ambas e igualmente, *essencialmente* ciências, não o sendo, porém, ainda, nem talvez nunca, mas por uma razão extrínseca e não intrínseca. Proponho, pois, que se substituam por artes *enquanto* não são efetivamente ciências, o que pode ser que seja sempre, dando-se então na prática, entre a minha teoria e a de Fernando Pessoa, aquela coincidência de efeitos, que não é rara entre teorias não só diversas, mas absolutamente opostas.

Esclareço ainda mais... A metafísica pode ser uma actividade científica, mas também pode ser uma actividade artística. (Pessoa, 2023, p. 83)

Noutro trecho de “O que é a metafísica?”, lemos igualmente o seguinte esclarecimento sobre a diferenciação do posicionamento de Álvaro de Campos face ao seu criador:

A minha teoria, em resumo, era que (1) se deve substituir a filosofia por filosofias, isto é, mudar de metafísica como de camisa, substituindo à metafísica procura da verdade a metafísica procura da emoção e do interesse; e que (2) se deve substituir a metafísica pela ciência.

É fácil de ver como esta teoria, tendo na prática quase os mesmos resultados que o pensamento de Fernando Pessoa, é diferente dele. Não rejeito a metafísica, *rejeito as ciências virtuais todas*, isto é, todas as ciências que não se aproximaram ainda do estado, vá, “matemático”; mas, para não desaproveitar essas ciências virtuais, que, porque existem, representam uma necessidade humana, *faço artes delas*, ou, antes, proponho que se faça

artes delas – da metafísica, metafísicas várias, buscando arranjar sistemas do universo coerentes e engraçados, mas sem lhes ligar intenção alguma de verdade, exactamente como em arte se descreve e expõe uma emoção interessante, sem se considerar se corresponde ou não a uma verdade objectiva de qualquer espécie. (Pessoa, 2023, p. 83)

Assim, para Campos, a metafísica pode ser considerada em dois sentidos: 1) tendo em vista a sua finalidade, a metafísica é uma ciência virtual, na medida em que aspira ao conhecimento científico de fatos, embora esses fatos a que aspira não encontrem o grau de fundamentação que almejam; 2) no entanto, enquanto não está na posse dos fatos que ambiciona alcançar, a metafísica pode ser considerada como arte no sentido da fabricação de “sistemas do universo coerentes e engraçados, mas sem lhes ligar intenção alguma de verdade” (Pessoa, 2023, p. 83).

Antônio Mora intervém também no debate filosófico do “drama em gente” heteronímico, com o texto intitulado “Introdução ao Estudo da Metafísica”, onde encontramos igualmente a defesa da filosofia como arte, tal como se verifica no seguinte trecho:

A filosofia entra na categoria da arte. – A filosofia foi primeiro uma “ciência”: tinha por fim descobrir a verdade para o fim utilitário de nos governarmos na vida; porque, se se julga que há uma vida futura, com castigos e recompensas, não é por certo pouco importante saber-se o que se deve fazer para evitar uns e merecer outros. Hoje a filosofia deve passar a ser uma arte – a arte de construir sistemas do Universo, sem outro fim que o de entreter e distrair, publicando belos sistemas.

[...] Todos os sistemas filosóficos devem ser estudados como obras de arte. (Nenhuma arte é feita *com o fim* de entreter, mas é para isso que ela serve. O artista toma o seu papel mais a sério.) (Pessoa, 2023, p. 90)

Segundo este trecho, apesar de a filosofia ter começado historicamente por ter a aspiração a ser uma ciência em função da sua utilidade, no que respeita à orientação na vida, teria perdido, no decurso do seu desenvolvimento, essa função, pelo que deveria passar a ser uma arte. Antônio Mora defende, então, que “a filosofia deve passar a ser uma arte – a arte de construir sistemas do Universo, sem outro fim que o de entreter e distrair, publicando belos sistemas” (Pessoa, 2023, p. 90), o que aponta, mais uma vez, para a plausibilidade de uma pluralidade de sistemas filosóficos, resultantes da atividade construtiva do espírito humano.

Outro texto importante para o debate em torno da filosofia da pluralidade no “drama em gente” heteronímico corresponde ao “Ultimatum”, de Álvaro de Campos, onde encontramos uma das mais explícitas e elucidativas exposições do carácter plural da filosofia enquanto atividade criativa, na sequência da defesa da abolição do dogma da personalidade, do preconceito da individualidade e do dogma do objetivismo pessoal. No que respeita às consequências da abolição do dogma da personalidade em filosofia, lemos o seguinte trecho:

Em filosofia: Abolição do conceito de verdade absoluta. Criação da Super-Filosofia. O filósofo passará a ser o interpretador de subjectivities entrecruzadas, sendo o maior filósofo o que maior número de filosofias espontâneas alheias concentrar. Como tudo é subjectivo,

cada opinião é verdadeira para cada homem: a maior verdade será a soma-síntese-interior do maior número destas opiniões verdadeiras que se contradizem umas às outras. (Pessoa, 2023, p. 135)

Neste texto, lemos explicitamente a afirmação de que a abolição do conceito de verdade absoluta em filosofia, decorrente da abolição do dogma da personalidade, conduz à criação de uma Super-Filosofia, entendida como a concentração do maior número de filosofias em contradição umas com as outras. A este respeito, lê-se também no “*Ultimatum*” de Campos a seguinte seguinte afirmação sobre as consequências em filosofia da abolição do preconceito da individualidade:

Em filosofia: Abolição total da Verdade como conceito filosófico, mesmo relativo ou subjectivo. Redução da filosofia à arte de ter teorias interessantes sobre o “Universo”. O maior filósofo aquele artista do pensamento, ou antes da “arte abstracta” (nome futuro da filosofia) que mais teorias coordenadas, não relacionadas entre si, tiver sobre a “Existência”. (Pessoa, 2023, p. 136)

De acordo com este trecho, outra das consequências da abolição do conceito filosófico de verdade, na sequência da abolição do preconceito da individualidade, corresponde à “Redução da filosofia à arte de ter teorias interessantes sobre o universo” (Pessoa, 2023, p. 136), o que novamente mostra como a consideração da filosofia enquanto arte conduz a uma visão filosófica plural, pois, como afirma Campos, a consideração da filosofia como arte conduziria à ideia de que o maior filósofo seria aquele que conseguiria congrega o maior número de teorias contraditórias.

No que respeita às consequências em filosofia decorrentes da abolição do dogma do objetivismo pessoal, encontramos mais uma vez implícita a ideia de concentração de uma pluralidade de pontos de vista filosóficos, como se depreende da seguinte passagem:

Em filosofia: Substituição do conceito de Filosofia pôr o de Ciência, visto a Ciência ser a média concreta entre as opiniões filosóficas, verificando-se ser média pelo seu “carácter objectivo”, isto é, pela sua adaptação ao “universo exterior” que é a média das subjectividades. Desaparecimento, portanto, da Filosofia em proveito da Ciência. (Pessoa, 2023, p. 137)

A caracterização das consequências da filosofia apresentadas por Álvaro de Campos no “*Ultimatum*”, na sequência da abolição do dogma da personalidade, do preconceito da individualidade e do dogma do objetivismo pessoal, corresponde ao programa daquilo que efectivamente viria a ser posto em prática por Pessoa, desde o período pré-heteronímico, com a criação de uma multiplicidade de personalidades encarregadas de assumir pontos de vista filosóficos que dialogam e, muitas vezes, se contradizem uns aos outros a respeito dos mesmos temas. O empreendimento filosófico de Fernando Pessoa corresponde, por conseguinte, a um palco de dramatização filosófica plural, onde múltiplos intervenientes apresentam as suas contribuições filosóficas, sem pretenderem reduzir essa multiplicidade a um ponto de vista central unificador. Deste modo, com a construção

de um drama filosófico, Pessoa lança os fundamentos para a caracterização da filosofia como um empreendimento plural, onde sistemas filosóficos diferentes coexistem sem se anularem.

Referências

LOURENÇO, Eduardo. **O lugar do anjo**. Crítica pessoana II (1983-2017) – Obras completas de Eduardo Lourenço XI. Coordenação, introdução e notas: Pedro Sepúlveda. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2022.

PESSOA, Fernando. **Obra Poética e em Prosa**, Vol. II. Introduções, organização, bibliografia e notas: António Quadros. Porto: Lello & Irmãos, 1986.

PESSOA, Fernando. **Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal**. Edição: Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

PESSOA, Fernando. **Teoria da Heteronímia**. Edição: Fernando Cabral Martins e Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 2012.

PESSOA, Fernando. **Escritos sobre Metafísica e Arte**. Organização, introdução e notas: Cláudia Souza & Nuno Ribeiro. Belo Horizonte: UFMG, 2017.

PESSOA, Fernando. **Envelopes Filosóficos: Filosofia & Heteronímia**. Coordenação científica, introdução, posfácio e seleção: Nuno Ribeiro, Cláudia Souza, Paulo Borges e Maria Celeste Natário. Porto: Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, 2023.